

João da Penha

Como ler Wittgenstein



PAULUS

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Thiago Augusto Dias de Oliveira*
Caio Pereira
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Penha, João da Como ler Wittgenstein / João da Penha. — São Paulo: Paulus, 2013. — (Co-
leção Como ler filosofia)

Bibliografia.
ISBN 978-85-349-3741-2

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951 - Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

13-08885

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Filósofos austríacos: Crítica e interpretação 193 2. Wittgenstein: Filosofia austríaca 193

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3741-2

Dedicado aos amigos:
David Gonçalves,
Flávio Coelho Edler,
Eric Tirado Viegas,
Idalina Maria de Faria,
Emilia Vancini,
e

In memoriam:
Gerd A. Bornheim,
Stephen Kimball,
José Afonso Coelho Filho

“Andiamo a finire nelle chiavette” (“Vamos acabar no complicado”), expressão usada pelos músicos napolitanos quando, ao se tocar clarineta, a tonalidade impõe a utilização de mais chaves do que os orifícios do instrumento.

Buscando a cumplicidade do leitor

Conquanto não seja de boa didática iniciar a exposição de um assunto invocando sua complexidade, considero a violação dessa norma uma opção intelectualmente saudável. Explico: nem sempre camuflar uma dificuldade é a escolha mais inteligente; é comum a boa intenção (o inferno que o diga!) se confundir, mesmo que de modo involuntário, com a tentativa (inútil) de ludibriar alguém, a plateia, o leitor, a mocinha romântica etc. “Dourar a pílula”, se possível, só é recomendável quando se lida, efetivamente, com um público infantil; tentar convencer uma criança de que injeção não dói é justificável, embora vão. Mas ninguém, me parece, apela para tamanho gracejo quando se trata de um adulto de nível mental consentâneo com sua idade. É bem mais simples, sem dúvida, apostar na inteligência das pessoas, principalmente se o tema a ser discutido é de natureza filosófica, pois os que cultivam a filosofia são insistentes, conscientes de que nessa trilha só enveredam os indivíduos dotados de obstinação. O “amigo do saber” – expressão que indica aquele que cultiva a reflexão filosófica – não ignora que o caminho a percorrer, quase sempre, é árduo, sem atalhos. Mas também é um fato inegável que para percorrê-lo basta querer. E “querer”, nos

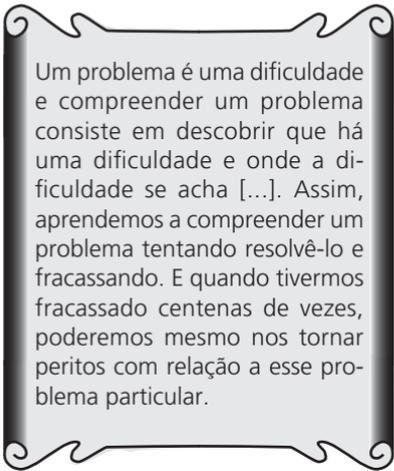
informa a etimologia latina da palavra, significa *empenhar-se na busca do que não se tem*.

Se não fui suficientemente convincente, não me abalo nem desisto; saio em busca de auxílio. Encontro-o nas palavras do filósofo austríaco Karl Popper (1902-1994), que, ressalvadas as diferenças de contexto, soam bem apropriadas:

Um problema é uma dificuldade e compreender um problema consiste em descobrir que há uma dificuldade e onde a dificuldade se acha [...]. Assim, aprendemos a compreender um problema tentando resolvê-lo e fracassando. E quando tivermos fracassado centenas de vezes, poderemos mesmo nos tornar peritos com relação a esse problema particular (*Conhecimento objetivo*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1975, p. 173).

A essa altura, sem muito esforço, o leitor já descobriu qual a dificuldade que estou lhe propondo enfrentar comigo. Exatamente: Wittgenstein é o nosso problema.

Nenhuma ilusão: trata-se de um filósofo difícil! Seu estilo é enigmático; seu pensamento, complexo. Compreendê-lo exige do estudioso um esforço redobrado. O acesso à(s) sua(s) doutrina(s) – há quem o considere, como veremos mais adiante, autor de duas filosofias distintas –, com efeito, é tortuoso e desafiante, talvez por isso mesmo estimulante. Mas, poucos duvidam, se há quem duvide, nenhum pensamento, se se trata de uma elaboração intelectual que mereça tal qualificação, não é impenetrável a uma análise minuciosa, disciplinada, atenta; não importa qual seja o grau de dificuldade, todo pensamento é decifrável. As palavras, quando utilizadas



Um problema é uma dificuldade e compreender um problema consiste em descobrir que há uma dificuldade e onde a dificuldade se acha [...]. Assim, aprendemos a compreender um problema tentando resolvê-lo e fracassando. E quando tivermos fracassado centenas de vezes, poderemos mesmo nos tornar peritos com relação a esse problema particular.

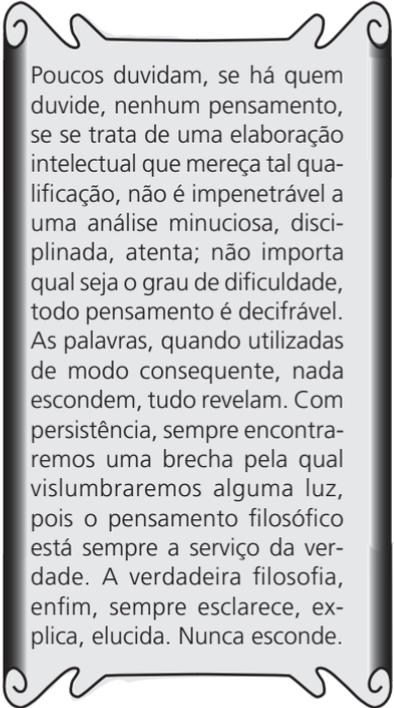
de modo consequente, nada escondem, tudo revelam. Com persistência, sempre encontraremos uma brecha pela qual vislumbraremos alguma luz, pois o pensamento filosófico está sempre a serviço da verdade. A verdadeira filosofia, enfim, sempre esclarece, explica, elucida. Nunca esconde.

Assim acontece quando nos debruçamos sobre a obra de Wittgenstein: inicialmente, os obstáculos parecem intransponíveis; pouco a pouco, no entanto, vê-se que é possível superá-los, devagar, mas com firmeza. Ao fim do percurso, mesmo fatigados, cansados pela difícil

caminhada, experimentamos a satisfação íntima de constatar que o esforço foi plenamente recompensado. E, como o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), podemos, com razoável otimismo, dizer: “Pois bem, até que nos saímos bem”.

Mas, atenção, no caso de Wittgenstein o entusiasmo deve ser contido, até porque ainda há outra dificuldade, embora menos grave, a ser enfrentada. Vejamos qual.

À semelhança de outro pensador de língua alemã, Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1966), Wittgenstein se insurgia radicalmente contra as tentativas de tornar sua filosofia acessível a um público mais amplo. A esse respeito, ele escreveu ao filósofo inglês Bertrand Russell (1872-1970), a quem esteve bastante ligado, falando de sua antipatia à ideia de alguém expor seu pensamento, mesmo que se tratasse de um de seus intérpretes mais ardorosos e fiéis.



Poucos duvidam, se há quem duvide, nenhum pensamento, se se trata de uma elaboração intelectual que mereça tal qualificação, não é impenetrável a uma análise minuciosa, disciplinada, atenta; não importa qual seja o grau de dificuldade, todo pensamento é decifrável. As palavras, quando utilizadas de modo consequente, nada escondem, tudo revelam. Com persistência, sempre encontraremos uma brecha pela qual vislumbraremos alguma luz, pois o pensamento filosófico está sempre a serviço da verdade. A verdadeira filosofia, enfim, sempre esclarece, explica, elucida. Nunca esconde.

A recusa do citado Adorno tinha por base sua convicção de que a verdadeira filosofia não se presta à paráfrase, isto é, não pode ser expressa plenamente se não pelo próprio autor, e nunca por quem lhe imita o pensamento dizendo-o com outras palavras (noutros termos, é o que faço no momento em que escrevo este livro), pois, segundo ele, não se pode separar o conteúdo de um pensamento de sua forma de apresentação. Já a objeção de Wittgenstein nunca foi devidamente esclarecida, sendo mais adequado creditá-la a outra de suas tantas idiosincrasias, vale dizer, a seu temperamento, levando-o a ver e reagir de modo muito pessoal aos fatos e às pessoas. Não é fora de propósito, convém dizer, associar tal implicância de nosso filósofo aos próprios fundamentos de sua(s) doutrina(s).

Estaremos, então, nesse caso, diante de um impasse, de um impedimento, de um beco sem saída? Nem tanto.

É possível interpretar o pensamento de um autor mesmo à sua revelia, contrariando-lhe a própria vontade de preservar suas ideias da exposição alheia? É claro que sim.

Curiosamente, o próprio Adorno nos fornece a pista para contrariar Wittgenstein ao afirmar que nenhum autor pode reivindicar direitos de propriedade sobre o próprio pensamento. Portanto, convido o leitor a tomar posse de um patrimônio comum a todo indivíduo que por ele se interesse, mais precisamente, as ideias de Wittgenstein.

De que é que vamos falar?

“As pessoas com frequência usam lentes coloridas nos óculos para ver mais com mais clareza; mas nunca usam lentes nebulosas” (Wittgenstein, *Anotações sobre as cores*, § 8, parte II, p. 41).

O senhor e a senhora Smith, um casal inglês que reside em um subúrbio londrino, conversam sobre futilidades, dialo-

gando por meio de truísmos e paradoxos. O absurdo permeia todas as suas falas. A referência à morte de um indivíduo de nome Bobby Watson revela o intrigante fato de que todos os parentes têm o mesmo nome.

Um homem e uma mulher lembram vagamente que se conhecem, embora não saibam precisar onde e quando isso aconteceu. Aos poucos, comparando suas recordações, vão descobrindo certas coisas em comum, como, por exemplo, a viagem que fizeram juntos entre as cidades inglesas de Manchester e Londres, na mesma cabina de trem. Espantam-se com a coincidência: moram no mesmo apartamento e dormem na mesma cama. Concordam ainda que têm uma filha. Rendem-se, então, à evidência final: são marido e mulher. Trata-se do casal Martin.

Está descrita acima a trama inicial de *A cantora careca*, do dramaturgo franco-romeno Eugène Ionesco (1912-1994), nome dos mais festejados de uma corrente teatral de vanguarda surgida nos inícios dos anos 1950, popularizada como Teatro do Absurdo, assim denominada porque defendia uma posição antirrealista, fora, portanto, dos modelos consagrados pela tradição.

Os autores do Teatro do Absurdo, à parte suas diferenças específicas, compartilham uma arraigada desconfiança em rela-



Os autores do Teatro do Absurdo, à parte suas diferenças específicas, compartilham uma arraigada desconfiança em relação à linguagem verbal, desprovida, lhes parece, de sua função original, qual seja, a de proporcionar o conhecimento entre as pessoas. Fossilizada, avessa à compreensão mútua entre os indivíduos, depósito de fórmulas ocas em que as palavras não passam de meros rótulos, a linguagem teria perdido a força expressiva que no passado assegurara sua primazia como instrumento de comunicação entre os homens. A perda da expressividade, denunciada no caso presente, não deve ser atribuída a incorreções gramaticais, pois o fato de uma frase obedecer às regras da norma culta de uma língua não garante por si só que a mesma seja possuidora de sentido.

ção à linguagem verbal, desprovida, lhes parece, de sua função original, qual seja, a de proporcionar o conhecimento entre as pessoas. Fossilizada, avessa à compreensão mútua entre os indivíduos, depósito de fórmulas ocas em que as palavras não passam de meros rótulos, a linguagem teria perdido a força expressiva que no passado assegurara sua primazia como instrumento de comunicação entre os homens. A perda da expressividade, denunciada no caso presente, não deve ser atribuída a incorreções gramaticais, pois o fato de uma frase obedecer às regras da norma culta de uma língua não garante por si só que a mesma seja possuidora de sentido. Assim, se afirmo que todos os cavalos são mortais e que Sócrates é mortal, posso concluir que Sócrates é um cavalo e não um filósofo grego que viveu antes de Cristo. Um professor de filosofia, cabe notar, reconhecendo no exemplo dado a figura de um silogismo, apontaria, com toda a razão, uma falha de raciocínio, visto que as regras de formação do silogismo não foram obedecidas, levando quem o formulou a extrair como conclusão um absurdo.

Autores como Ionesco, porém, veem a questão de maneira diferente. Para eles, a manipulação de palavras que permite concluir que Sócrates é um cavalo constitui a prova cabal, inegável, da frivolidade com que a linguagem é usada. Mesmo que as palavras e os conceitos nos sejam familiares, a desconexão de que a linguagem se tornou vítima condenou ao fracasso toda tentativa de restaurar-lhe o poder de comunicação. Mero amontoado de palavras, a linguagem acaba se prestando a todo tipo de disparate. O absurdo passa, então, a rondar o cotidiano das relações humanas. A esse respeito, Ionesco, quando, na sua Romênia natal, se dedicava à crítica literária, fez uma experiência curiosa, marcada mesmo por um tom jocoso, de piada: publicou um artigo atacando três renomados literatos seus compatriotas. Dias mais tarde, escreveu outro artigo sobre os mesmos autores, dessa vez

elogiando-os. Por fim, publicou, lado a lado, sob o título “Não!”, os dois artigos. A intenção, no caso, era provar ser perfeitamente possível defender, ao mesmo tempo, posições antagônicas sobre qualquer assunto.

O próprio título da peça, *A cantora careca*, evoca à perfeição os desatinos da linguagem: numa das falas, um dos personagens faz referência a uma *institutrice blonde* (“professora loira”). Confuso, um ator, ainda na fase de ensaios, deixa escapar *cantatrice chauve* (“cantora careca”). Para tornar a situação ainda mais ridiculamente cômica, não existe na peça nenhum personagem que corresponda ao tipo físico descrito pelo título. Quer dizer, não há entre os personagens nenhuma cantora careca. Ionesco, aliás, caracterizou sua peça como “a tragédia da linguagem”.

O Teatro do Absurdo, em suma, é uma forma de denúncia da futilidade do blablablá dominante, situação que só faz desvalorizar a linguagem como veículo do pensamento. As palavras já não dizem, escondem; as frases, particularmente as pomposas, ostentando um repertório de vocábulos difíceis e de uso incomum, muito falam, mas pouco esclarecem. O sentido original das palavras se perdeu na enxurrada de lugares-comuns, de trivialidades, de ideias já muito batidas. Enfim, diante desse barateamento, até mesmo, pode-se dizer, embrutecimento da linguagem, é permitido exclamar: “Falou, mas não disse!”.

Mas o que tem Wittgenstein a ver com tudo isso?

Nosso filósofo teve como uma de suas metas básicas justamente recuperar o poder original da linguagem, apontando os meios para se alcançar tal objetivo. Na sua perspectiva, essa tarefa só poderia ser cumprida pela eliminação dos equívocos da linguagem, de suas ambiguidades, imprecisões, duplos sentidos etc., corrigindo-se, enfim, o uso inadequado que se faz dela. Para Wittgenstein, há uma tendência à desfiguração do pensamento cada vez que o expressamos por meio de palavras. E assim

Nosso filósofo teve como uma de suas metas básicas justamente recuperar o poder original da linguagem, apontando os meios para se alcançar tal objetivo. Na sua perspectiva, essa tarefa só poderia ser cumprida pela eliminação dos equívocos da linguagem, de suas ambiguidades, imprecisões, duplos sentidos etc., corrigindo-se, enfim, o uso inadequado que se faz dela. Para Wittgenstein, há uma tendência à desfiguração do pensamento cada vez que o expressamos por meio de palavras. E assim acontece, diz ele, porque nos mostramos surdos a certas regras. Em consequência, a linguagem se torna imprecisa, acumulam-se as dubiedades de sentido, levando o significado das palavras de uso comum a oscilar.

acontece, diz ele, porque nos mostramos surdos a certas regras. Em consequência, a linguagem se torna imprecisa, acumulam-se as dubiedades de sentido, levando o significado das palavras de uso comum a oscilar.

Qual, então, a solução proposta por Wittgenstein para resolver a questão?

Ele propôs a criação de uma linguagem ideal, logicamente perfeita, capaz, por isso mesmo, de devolver às palavras a precisão conceitual, sem o que estará para sempre ameaçado o pleno entendimento entre os homens. Mas antes de relatarmos como Wittgenstein se desincumbiu da tarefa, detenhamo-nos um pouco, nas páginas seguintes, em sua crônica biográfica.

CONVITE À REFLEXÃO

1. A clareza de linguagem é inconciliável com o pensamento filosófico mais complexo? Debata o tema.
2. O que é que dificulta a perfeita e imediata compreensão de um texto filosófico?